



LUCRÉCIA BÓRGIA SUA IMAGEM NO RENASCIMENTO E NA CONTEMPORANEIDADE

Autor(es): AZEVEDO, Daniela Grillo de; RODRIGUES, Cíntia Luzardo; DAIELLO, Angélica W.F. ; GRILLO, Rute dos Santos; BARROS, Taís Moraes; PASQUALOTTO, Terezinha Lorena; SILVA, Ursula Rosa da.

Apresentador: Taís Moraes Barros

Orientador: Ursula Rosa da Silva

Revisor 1: Mari Lúcie da Silva Loreto

Revisor 2: Fabiane Tejada da Silveira

Instituição: UFPel

LUCRÉCIA BÓRGIA SUA IMAGEM NO RENASCIMENTO E NA CONTEMPORANEIDADE

AZEVEDO, Daniela Grillo de¹; RODRIGUES, Cíntia Luzardo²; DAIELLO, Angélica W.F.³; GRILLO, Rute dos Santos⁴; BARROS, Taís Moraes⁵; PASQUALOTTO, Terezinha Lorena⁶; SILVA, Ursula Rosa da⁷.

¹ Acad. Lic. Filosofia (UFPel); ² Lic. Filosofia (UFPel); ³ Acad. Lic. Filosofia (UFPel); ⁴ Bach. Artes Visuais (UFPel); ⁵ Acad. Lic. Artes (UFPel); ⁶ Lic. Filosofia (UFPel); ⁷ Profa. Orientadora, Dra. História (PUC/RS), D^{anda}. Educação (UFPel) profa. Instituto de Artes e Design (UFPel). bear@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de um projeto maior de pesquisa denominado *Caixa de Pandora: Mulheres Artistas e Mulheres Filósofas no século XX*. Este tem como foco principal a vida e obra de mulheres no século XX, com exceção de uma ilustre mulher do Renascimento que foi a inspiradora deste projeto. A relevância do estudo de sua biografia foi o de nos mostrar a importância da pesquisa, que possibilita, muitas vezes, esclarecer fatos que são equivocados que permanecem por séculos e, no caso, alteram a visão que temos de sua figura feminina, na política, na sociedade, e sua representação na arte.

Abordamos aqui, mais especificamente, o papel da mulher no Renascimento, e como seus casamentos traçaram o destino de nações, e para melhor ilustrar estes acontecimentos, evidenciamos a vida de uma figura ilustre, Lucrecia Bórgia, vinda da família Bórgia que guarda até hoje tantos mistérios, supostas relações incestuosas e mortes por envenenamentos, com o famoso veneno dos Bórgia chamado "Cantarella".

As mulheres renascentistas assim como Lucrecia – que se casou três vezes por decisão de seu pai, enlaces que satisfiziam as ambições de suas famílias – não puderam escolher seus maridos, mas não restou a elas apenas acatar as decisões

dos homens de suas vidas, pois puderam ser admiradas também por sua beleza e seus encantos, sendo em muitos casos capazes de governar com justiça.

Lucrécia Bórgia nasceu em 18 de abril de 1480, em Roma filha de Giovanna Catanei (Vannozza) e do Cardeal Rodrigo Bórgia, Lucrécia é a terceira dos quatro irmãos, César (1475), Giovanni (1476) e Godofredo (1482). Estes foram os únicos filhos a quem Rodrigo Bórgia deu seu nome, após se tornar papa e passar a se chamar Alexandre VI em 1492. Sua descendência paterna é dos Borja, espanhóis, que italianizaram o nome, passando a se chamar Bórgia. Lucrécia não é o membro mais importante da família, pois seu irmão César Bórgia foi imortalizado por Maquiavel em sua mais importante obra, “O Príncipe”, realizada após uma breve estada junto a César e colocando-o como um dos modelos de governantes.

Lucrécia foi uma peça importante para os interesses de seu pai e de seu irmão César, todos os três casamentos beneficiaram a sua família, fato comum na época, às famílias unirem seus reinos e ganharem alguns benefícios.

Lucrécia passou a infância em companhia de sua mãe, mas muito cedo ela separou-se desta, para receber uma educação digna de sua condição, em conventos e na casa de Adriana de Milá, prima de seu pai. Adriana de Milá era mãe de Orso Orsini, casado com Júlia Farnese, que logo viria a ser amante, e uma das preferidas, do Papa Alexandre VI, com quem teve uma filha chamada Laura.

Nesta época era comum que pessoas ligadas à igreja tivessem filhos fora do matrimônio, e desses, os que eram filhos de nobres podiam chegar ao trono, tanto quanto como os filhos legítimos.

Muito cedo, logo aos onze anos Lucrécia já estava noiva, teve alguns pretendentes, mas o que mais se adaptou aos interesses de sua família foi Giovanni Sforza, com quem se casou em 12 de junho de 1493, em uma cerimônia pomposa realizada no Vaticano pelo próprio Alexandre VI. Após Rodrigo Bórgia ter se tornado o papa Alexandre VI, ele chamou ao Vaticano o pintor Bernardino di Betto de Pinturicchio (1454-1513), para decorar os futuros aposentos dos Bórgia, onde Pinturicchio representou toda família Bórgia, ao lado de Santos ou como se fossem santos, característica da Arte Renascentista.

Lucrécia aparece no afresco denominado “A Disputa de Santa Catarina de Alexandria”, como Santa Catarina de Alexandria, de quem o papa era devoto. Neste afresco Pinturicchio retrata Lucrécia como uma bela mulher de expressão doce e ingênua, pele clara com um rosto bem delicado, cabelo loiros – uma mecha de seu cabelo que está em Milão, na Biblioteca Ambrosina, e foi encontrada entre as correspondências do humanista veneziano Pedro Bembo – a representação de Lucrécia neste afresco é o padrão de beleza feminina do Renascimento.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi feito a partir do levantamento bibliográfico, biográfico, de imagens de representação da mulher e da personagem Lucrécia Bórgia. As análises dos textos, artigos e pesquisas estão sendo feitas a partir do método hermenêutico e da análise comparativa, organizando as idéias a partir de uma contextualização e relação dos conceitos e dos fatos no Renascimento e no século XX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro casamento de Lucrecia durou pouco tempo, logo o pretensioso senhor de Pesaro, tornou-se um possível aliado dos inimigos dos Borgia, e Alexandre VI lhe propõe dissolver o casamento. Tendo Giovanni Sforza recusado e acusado César de amedrontá-lo, este decidiu matá-lo, e comunicou sua decisão a Lucrecia, que mandou seu camareiro avisar Sforza, para que ele pudesse fugir. Giovanni Sforza conseguiu fugir, e Alexandre VI – alegando que o casamento não havia sido consumado, por ser Sforza impotente – pediu a anulação do casamento, mesmo sabendo que a primeira esposa de Giovanni Sforza, Madalena Gonzaga, morreu de parto mal sucedido. As calúnias feitas a Giovanni Sforza o levaram a difamar a família Borgia, dizendo que sua esposa mantinha relações incestuosas com o pai, as acusações feitas por Sforza, que tinha motivos para fazê-las, ultrapassaram os séculos, e nada foi comprovado a este respeito, para além de um amor normal entre pai e filha.

Algum tempo depois da anulação do primeiro casamento de Lucrecia, cujas circunstâncias obrigaram Giovanni Sforza a se declarar incapaz de ser marido de sua esposa, surge outro drama para a família Borgia, o nascimento em 1498 de Giovanni Borgia mais conhecido por “Infante Romano”, que supostamente seria fruto das relações entre Lucrecia e o camareiro de Alexandre VI chamado Perotto, fato que na época não foi comprovado. Ainda hoje não se sabe quem realmente são os verdadeiros pais do “Infante Romano”, visto que Alexandre VI promulgou duas bulas contraditórias, a primeira declarando que Giovanni Borgia é filho de César Borgia com uma mulher não casada e a segunda bula o declara filho de Alexandre VI. Estas duas bulas juntas asseguram do ponto de vista legal o futuro do menino.

Com os esclarecimentos a respeito do “Infante Romano” e do primeiro casamento de Lucrecia, Alexandre VI já estava procurando um novo pretendente à mão de sua filha, desta vez o escolhido foi Afonso de Aragão, o Duque de Bisceglie, irmão de sua nora Sancha de Aragão casada com seu filho caçula Godofredo Borgia.

Este casamento aumentava as possessões dos Borgia, e deixava César mais perto do trono de Nápoles. O casamento se realizou em uma cerimônia discreta no palácio do bispo de Tusculum, em 21 de julho de 1498. Após o casamento os noivos passaram a residir em Roma, este casamento imposto por sua família, tornou-se logo um casamento de amor, não ficaram dúvidas de que Lucrecia foi feliz ao lado de Afonso de Bisceglie com quem teve seu primeiro filho Rodrigo de Bisceglie, em novembro de 1499.

Pouco tempo depois do nascimento do primeiro filho de Lucrecia, Afonso de Bisceglie foi gravemente ferido por um grupo de espadachins em uma emboscada, próximo a Catedral de São Pedro no Vaticano. Afonso conseguiu fugir, ficando sob os cuidados de sua esposa e de sua irmã, que lhe preparavam os alimentos com medo de que eles fossem envenenados. Afonso recuperava-se e em seu leito quando César Borgia invadiu seu quarto e mandou que o estrangulassem em agosto de 1500. A morte de Afonso de Bisceglie afastava um pretendente legítimo ao trono de Nápoles que César tanto desejava.

Lucrecia ficou profundamente abalada com a morte de seu marido, e se pôde ver seu desespero, que a levou a refugiar-se por um tempo no convento de São Domini. Alexandre VI esforçando-se em recuperar a afeição de sua filha, e de mostrar ao futuro marido de Lucrecia, que ela era capaz de governar, como ela já

havia feito durante seu segundo casamento, quando Alexandre VI a nomeou em 1499 regente de Spoleto e Foligno cidades ligadas à Santa Sé, desta vez o Papa entregou a sua filha a direção dos negócios interiores da Igreja.

Lucrécia entrou para história como a única Papisa, em 1501 ela representou seu pai durante uma semana, ficando encarregada da administração dos Estados Pontificais, papel que Lucrécia desempenhou muito bem, assim como mais tarde, na ausência de seu marido, ela governou Ferrara. A atitude inédita de Alexandre VI escandalizou os cardeais da época, e que aos inimigos dos Bórgia serviu de mais um motivo para as calúnias sobre as relações entre pai e filha.

Seu terceiro e último casamento foi com o jovem Afonso D'este, herdeiro do trono de Ferrara, que hesitava em casar-se com Lucrécia, pois ele era primo-irmão de seu segundo marido Afonso o Duque de Bisceglie e por todos os escândalos que cercavam sua família, mas depois da ajuda de alguns aliados como o rei da França Luiz XII e de alguns relatórios enviados pelos embaixadores a pedido de Afonso D'este sobre a conduta de Lucrécia, constatando que ela era inofensiva, educada e muito bela entre outros adjetivos, Afonso aceita casar-se, e o contrato é assinado em Ferrara em setembro de 1501.

Alexandre VI escolheu este noivo para sua filha, porque seria útil aos interesses de César, e iria confiar sua filha a um marido bastante poderoso para protegê-la das possíveis ameaças que os objetivos de César poderiam lhe causar.

Seu casamento com Afonso D'este durou até sua morte em 1519, alguns dias após dar a luz a uma menina, que nasceu morta. Afonso e Lucrécia tiveram sete filhos Hércules, Hipólito, Leonor, Francisco e três que morreram na primeira infância.

Lucrécia Bórgia entrou para história como uma mulher má, envenenadora de seus maridos, mas a história contada pelas correspondências da época mostra uma mulher bem diferente. Além de ser linda e delicada como a Santa Catarina de Pinturicchio dos aposentos dos Bórgia, há relatos de que quando governou Ferrara em ausência de seu marido, ela foi justa proibindo discriminações contra os judeus, aplicando severas penas aos que as descumprissem. Após uma guerra que deixou Ferrara em ruínas, Lucrécia chegou a hipotecar suas jóias para ajudar o marido que já reconheceu há tempos as virtudes da Duquesa de Ferrara.

4. CONCLUSÕES

O tema da pesquisa merece um estudo acadêmico mais aprofundado e, uma posterior divulgação na sociedade, para que possa contribuir no avanço de reflexões e de questionamentos sobre os comportamentos políticos e sociais, e os relacionamentos entre homens e mulheres renascentistas comparando-os com os da atualidade, visto que já naquela época as mulheres cuidavam não apenas do lar, mas também dos negócios da família. O estudo pretende reafirmar a apuração de fatos verdadeiros e a importância da mulher, componente fundamental da sociedade, por suas realizações e ainda, por influenciar grandes homens que entraram para história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉRENCE, Fred. **Lucrécia Bórgia**. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchia Ltda, 1959.
SALVAT, Editores S.A. **História da Arte**. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil LTDA, 1978.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

BURCKHARDT, Jacob Chistoph. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 2003.

ENCYLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. **Mulheres Imortais**. São Paulo: Editora Mirador, 1973.